

A N T O L O G I A

(continuação da página anterior)

ração radical, que cada parcela do todo prossegue na sua lenta gênese infalível, tomando a sua parte do dever comum; que a inteligência, longe de ser uma faculdade de origem especial, fora da animalidade, tem a sua fonte, mergulha as suas raízes no mundo do instinto, nas entranhas da terra? O prejuízo do intelectual não se desfaz instantaneamente? «Somos as realidades da inteligência, dizéis vós... O mundo do instinto, o mundo do amor, o mundo da terra e da rua não ousariam atentar contra o orgulhoso império da nossa inteligência. A imundícia sexual e vital jaz aos nossos pés, como a lama. O mundo divide-se em intelectuais e instintivos. Estes últimos constituem o rebanho mortal; a bem dizer, só o escol intelectual existe». Eis a minha resposta: Pensais vós que para atingir essa verdade sublime para a qual vos encaminhai, é preciso viverdes solitários e como senhores, que é necessário alijardes cuidadosamente quanto de comum possais ter com a multidão. Mas estas ondas de vida que desprezais como se foram uma nódoa, incessantemente rebentam sobre vós, encharcam-vos, não respirais nem pensais senão por elas, por elas a quem a vossa inteligência está presa como a planta ao solo! Acrescentarei ainda: A verdade está-vos interdita, não soubestes ler no mundo, de que os livros não falam! Desconheceis a verdade, digo-vos-lo eu. Não tendes um olhar para o terno sorriso duma jovem mulher que dá de mamar ao seu filho, sentada num banco da rua, sorriso mil vezes mais misterioso que o de todas as *Giocondas*. Sois os corruptores e os mediocres. O mundo alteia e marcha sem vós ou antes a despeito do vosso esforço ao qual submerge a menor vaga de vida, do vosso esforço que se desfaz, como o castelo de areia edificado pela criança, ao mais ligeiro impeto do mar que sobe. Sois os embaixadores e os estéréis. Não apreendeis força alguma. A simples sensação que provém dum prado ensoalheirado jamais vos inundou daqueles mil zumbidos de insectos, da sua seiva e do seu calor. Pois não vedes que a vida inteira cintilla por uma de vós, ao redor de vós e mesmo através de vós, apesar do vosso desprezo e do vosso pueril orgulho? Não sentis que esse «absoluto» aos pés do qual ajoelhais é apenas a finalidade da energia que faz mover o vosso braço e surgir o trigo da terra? Então por que negais a vossa solidariedade aos seres a quem, pelo seu menor requinte espiritual, não atribuídes va-

lor algum, e às coisas cuja forma não corresponde textualmente à fórmula dos vossos sonhos? Por que menosprezais o obreiro na rua, a mãe de família no quarto dos filhos, o lavrador na quinta, o magotinho de erva à beira da estrada, o velho cavalo magro tirando a sua carrêta, o aprendiz realizando o seu humilde e fruste labor? Não suspeitais que estas parcelas de natureza e humanidade encerram um mundo de júbilo e sofrimento, de profunda verdade e insondável ideal? Desprezais na humanidade a multidão das criaturas e na natureza a multidão das coisas, é negar toda a verdade essencial, toda a consciência do mundo, é negar o divino, em nome do qual insultais a vida. Creio que não sereis grande, que não sereis poderosos se não consagrardes o vosso amor a essa dupla turba viva que ressoa em vós e que vós mesmo enriqueceis.

Assim poderíamos responder aos intelectuais cujo cérebro se cristalizou numa adoração pueril. Essa concepção arrasada pela concepção inteiramente moderna da evolução das coisas, dos homens e dos mundos associados sob o império interior dum comum princípio de vida, está em completa e radical decadência, depois de procriar uma montanha de erros que vai aluindo pouco a pouco sob o esforço do tempo.

Tomo de Camille Lemonnier algumas das magníficas palavras por êle pronunciadas na inauguração da Université Nouvelle: não conheço outras mais enérgicas, mais generosas, mais novas:

«...Partindo daí, podemos prever qual será a arte de amanhã através da nova fé que, fechando novamente o céu sobre um absoluto enganoso, o reabre na consciência humana. E' a humanidade que entra em cena, com o sentimento de mal nascer para os destinos, com a conjectura de que os centenas de milhar de anos que a separam das suas origens são apenas uma quadra da infância na evolução geral do mundo. Ideal e simbólica pela sua própria essência, buscando e formulando as relações, a lei da harmonia e da unidade que regem os seres e as coisas, a Arte será então a vida moral superior diligenciando revelar os deuses que nós próprios somos...»

Reencontrar o «divino» tanto em nós como nas coisas, senti-lo no fundo dos nossos seres como no fundo de cada vida terrestre, aqui está positivamente a nova concepção religiosa. Não há orgulho algum neste sentimento: há o júbilo profundamente vital de nos sentirmos infinitamente ligados à corrente universal,

de percebermos que vive conosco um milhão de vidas, de radiarmos no esplendor de todos. Nada há no fundo de mais «humano» que este sentimento «divino», pois desabrocha cá dentro nos momentos de plenitude e expansão, naquela hora, em que a bondade, a paixão sexual, a defesa da verdade nos transfiguram, naquela hora em que salvamos toda a barreira, em que sentimos nascer uma legião de desejos e forças que dormiam em nós. O «divino» tomado neste sentido, verdadeiro e real, não representa o conjunto de todas as solidariedades, o feixe de todos os bens, a síntese de todos os acordos? Numa palavra, este novo panteísmo e este novo paganismo não são a consequência directa, positiva, inelutável duma nova concepção da vida e duma nova concepção da natureza?

Tudo o que acabamos de ver sucessivamente exposto resume-se numa nova expressão do sentimento de união que existe entre todas as partes do universo, entre todas as vidas, humildes ou imensas, ricas ou frustes, imediatas ou longínquas.

Estes homens sinceros cujo pensar expus, pertencem todos, apesar das diferenças de idade e renome, à nova geração. G.-D. Roberts, nos Estados Unidos, figura entre os quatro ou cinco poetas de mais moderna inspiração. A vida de Emerson já é remota, mas como o seu verbo é inda mal conhecido em numerosos países, e como principalmente em França e na Bélgica, só há pouco foi traduzido e comentado, podemos por uma ilusão de óptica, considerá-lo como contemporâneo. J.-C. Chaigneau, não obstante a sua idade avançada, dirige uma revista, *L'humanité intégrale*, onde prega a mais universal extensão da solidariedade, mesmo além da morte. Finalmente sabemos o que representa Camille Lemonnier para a arte e o pensamento dos belgas.

Dois Americanos, um Belga e um Francês encontraram-se portanto, no mesmo desvêlo do futuro, na mesma comunhão de sentir e pensar. Eis o que eu chamo a Solidariedade dos Escóis, a íntima aliança dos pensadores progressivos, a qualquer território ou raça que pertençam.

Se resumíssemos as suas afirmações veríamos que conduzem ao triplice descobrimento duma união na Natureza, duma união na Humanidade, duma união da Natureza e da Humanidade, isto é, a um conjunto de solidariedades que se resolvem na Solidariedade do Todo.

E' em virtude desta comunhão de visão que os pen-

sadores de todas as raças devem considerar-se categoricamente associados a uma obra superior, obra de humanidade, que consiste numa refundição completa, metódica e paciente da vida inteira. Ao mesmo tempo que à nossa vista, ao redor de nós, se entreabrem e elaboram na vida real, no facto, em toda a vida, os primeiros germes duma existência que apenas foi cantada nas suas grandes linhas, quasi nunca vivida, os homens de escol devem unir-se estreitamente, dando ao mundo por essa íntima união o vivo exemplo dum mais completo, universal e positivo acordo. Que francamente, simplesmente, claramente dêem esse exemplo a todos. Creio que a via da verdade é esta.

A salvação do mundo depende da sua comunhão mais ou menos consciente na pesquisa da verdade, dos seus esforços paralelos, para uma ampliação da vida, depende numa palavra da *Solidariedade dos Escóis*.

E esta Solidariedade dos Escóis é apenas a imagem, a remota projecção duma solidariedade na qual o homem mais humilde da rua, o homem mais fruste dos campos tomará parte do mesmo modo que o homem de ciência ou o político. Eis a razão por que o seu valor nos parece tão grande e nela depositamos tantas esperanças. Através do poeta, do artista ou do sábio vemos o homem, o homem de toda a parte e de sempre, esse eterno vencido na viagem do mundo. E' a êle que nos conduz a nossa visão final, através daquele grupo de precursores que marcham de mãos dadas para ignotas regiões. O pequeno grupo solidário é apenas a aurora, o germen humilde mas vivaz do todo solidário. Eis o motivo pelo qual se nos afigura tão sacrossanto.

Tenho uma fé profunda nesta sentença de Michelet: «A Sociabilidade é um sentido eterno que há-de despertar.» Sim, o homem não é o lobo do homem, mas um deus cujo coração acorda; nem o mundo é um teatro onde evolvem formas solitárias, mas um entrelaçamento de órgãos vivos.

Aqui está por que, trazendo conosco a certeza inabalável dum porvir menos angusto, no meio desta bruma que nos rodeia, fazemos um apêlo aos espíritos de escol, para que redobrem de esforços. Que se concentrem e tenham fé! Que toda a sinceridade esteja com êles! E pouco a pouco os homens viverão, pouco a pouco a humanidade sentirá bater em si um coração mais magnânimo.

LE'ON BAZALGETTE

(Seleccção e tradução de Cláudio Revel)